

Economia Criativa, Identidade Cultural e Turismo: um estudo nas Associações de Artesãos de Novo Airão (AM)¹

Katiuscia da Silva Auzier²

Jocilene Gomes da Cruz³

Universidade do Estado do Amazonas - UEA

Resumo: A cidade de Novo Airão (AM), possui peculiaridades singulares, oriundas do entrelaçamento de signos e representações simbólicas advindas da intrínseca relação entre natureza e cultura. Neste artigo destaca-se, de modo particular, o trabalho realizado pela Associação de Artesãos de Novo Airão (AANA), Nov'arte e Fundação Almerinda Malaquias (FAM) verificando-se as inter-relações deste com o Turismo na cidade de Novo Airão (AM), tendo como aporte teórico, a noção de economia criativa. Quanto à metodologia, caracteriza-se como qualitativa, tendo como método o fenomenológico e uso da pesquisa bibliográfica e estudo de campo junto as Associações citadas. Constatou-se durante a pesquisa que o artesanato tem se tornado um atrativo que compõe o produto turístico local, e que é trabalhado com responsabilidade em todos os seus aspectos.

Palavras-chave: Economia Criativa; Turismo Cultural; Associações de Artesãos.

Introdução

A cidade de Novo Airão (AM) fica localizada à margem direita do Rio Negro, a uma distância de Manaus de 143 km por via fluvial. Na década de 1980 os moradores da cidade testemunharam a mudança das suas terras em Unidades de Conservação Federais e Estaduais, a partir de então os moradores da região passaram a ter acesso restrito a essas áreas. Neste cenário os artesãos da cidade visualizaram no artesanato, já praticado por alguns moradores, uma possibilidade de geração de renda e melhorias socioeconômicas, face as mudanças.

Os artesãos reuniram-se e formaram grupos de trabalhos, organizados em Associações e Fundação para desenvolver atividades que proporcionassem mão-de-obra qualificada e fonte de renda, bem como a valorização das especificidades das suas

¹ Trabalho submetido ao GT "Turismo e Cultura" do III Encontro Semintur Jr., Caxias do Sul.

² Graduada em Turismo pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Foi bolsista da FAPEAM. Email: kat_auzier@hotmail.com.

³ Graduada em Ciências Sociais, Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia- PPG-CASA/UFAM. Email: jgcruz@uea.edu.br

tradições culturais, sendo nesse contexto que surgem as Associações de Artesãos na cidade.

Este artigo traz uma breve análise acerca do trabalho realizado pela Associação de Artesãos de Novo Airão (AANA), Nov'arte e Fundação Almerinda Malaquias (FAM), núcleos de artesanatos que tem por base a elaboração de produtos artesanais em trançados de arumã⁴ (cestas, tapetes e luminárias) e madeira (esculturas de animais, utensílios de cozinha e outros), respectivamente, aliando a preservação das técnicas tradicionais de herança indígena, educação ambiental e seus valores culturais ao potencial turístico local.

O trabalho junto a essas associações iniciou-se durante a pesquisa realizada por meio do Programa de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (PAIC/FAPEAM) intitulado “Referências Culturais e Iconográficas da cidade de Novo Airão (AM)”, esta pesquisa permitiu conhecer o trabalho desenvolvido pela Associação de Artesãos de Novo Airão (AANA), Nov'arte e a Fundação Almerinda Malaquias (FAM), e assim, perceber a importância das ações que estas promovem naquela peculiar região.

Foi durante a pesquisa desenvolvida no PAIC/FAPEAM que percebeu-se o empreendedorismo no trabalho dos artesãos, que se destaca por agregar as tradições culturais de legado indígena e das populações tradicionais que vivem na região, e também por propiciar atividades de educação ambiental; uso sustentável dos recursos naturais. Viabilizou-se, ainda perceber como todos esses aspectos estão imbricados ao Turismo realizado no município. A atividade dos artesãos destaca-se, sobretudo por evidenciar o protagonismo destes, uma particularidade, fornecendo dados relevantes que venham a contribuir com essa relação: turismo, conhecimentos tradicionais, empreendedorismo mediante uma economia criativa.

A partir dessas constatações decidiu-se aprofundar as análises para uma melhor apreensão das relações dos trabalhos dos artesãos com o turismo local, ver de que forma contribui e quais as ações das Associações em prol do fortalecimento do turismo. Parte-se da premissa de que a organização do turismo deve acontecer a partir da comunidade local, visando qualidade de vida, desenvolvimento social e rentabilidade econômica

⁴ Planta herbácea, de tamanho médio e grande, que cresce em locais alagados, como as florestas de igapó. Com forma de touceiras, são compostas por talos. (FERREIRA, 2010).

para os sujeitos que fazem parte da história do lugar, produzem e agregam valor particular no material comercializado para os turistas. Um turismo que permita que os moradores/artesãos canalizem os benefícios propiciados pela atividade, e isso só pode ser alcançado mediante estudos sistematizados, sendo essas análises em destaque no presente artigo.

Empreendedorismo, Associativismo e Turismo

Considera-se como resultado natural de viver em comunidade a solidariedade, a busca por igualdade e desenvolvimento social, humano e sustentável, derivando em ações que primam por melhorias, constituindo medidas que originem retorno. Uma comunidade organizada é terreno fértil para concepção e aparecimento de projetos e ações empreendedoras, que se caracterizam pela presença dos elementos apresentados por Melo Neto e Froes citados por Moreira, Vidal e Farias (2008, p.03):

- a) aumento do nível de conhecimento da comunidade local com relação aos recursos existentes, capacidades e competências disponíveis em seu meio;
- b) aumento do nível de consciência da comunidade com relação ao seu próprio desenvolvimento;
- c) mudança de valores das pessoas que são sensibilizadas, encorajadas e fortalecidas em sua auto-estima;
- d) aumento da participação dos membros da comunidade em ações empreendedoras locais;
- e) aumento do sentimento de conexão das pessoas com sua cidade, terra e cultura;
- f) estímulo ao surgimento de novas idéias que incluem alternativas sustentáveis para o desenvolvimento;
- g) transformação da população em proprietária e operadora dos empreendimentos sociais locais;
- h) inclusão social da comunidade;
- i) melhoria da qualidade de vida dos habitantes.”

Para que esses benefícios, apontados pelos autores, se concretizem é necessário que os empreendedores locais percebam e aproveitem as possibilidades que o turismo oferece, dinamizando sua concepção de vida e de cultura, suas potencialidades e dificuldades, buscando combinar criativamente conhecimentos tradicionais aos contornos de novas técnicas, pautadas em participação e planejamento.

Nesse contexto, é de fundamental importância a forma como a comunidade se organiza, pois segundo Bonassi (2003, p.05) “o associativismo é uma forma de organização que tem como finalidade conseguir benefícios comuns para seus associados

através de ações coletivas”. A organização social sempre esteve presente na vida do ser humano, facilitando suas atividades básicas e sua própria sobrevivência. A partir deste processo surge à sociedade moderna, na qual as conquistas da comunidade devem-se ao nível de esclarecimento de seus integrantes que reconhecem suas oportunidades e se organizam para garantir seus direitos. No entanto, como lembra Lima (2010, p. 25) “o associativismo é formado por pessoas diferentes, sujeitas a acertos e erros, com fortalezas e fraquezas. Por isso o desafio é rever valores e aceitarmos o processo de mudança”. Nesse sentido, assumir uma cultura empreendedora é um desafio para obter o sucesso do associativismo.

Uma característica particular do associativismo é o trabalho coletivo, que deve ser pautado na confiança para sustentar a união dos que dela fazem parte, e na participação para garantir os benefícios de suas ações, além de ser uma forma de defender interesses da comunidade, desenvolver, produzir e comercializar trabalhos de forma coletiva.

A estruturação da comunidade direciona para dois lados, de um lado está o fato que proporciona uma alternativa econômica, uma fonte de renda, qualidade de vida e participação no desenvolvimento local como organização, e de outro, também, preservação da cultural local, o desejo de nutrir os elementos/laços de sua identidade, manter a propriedade de seus próprios conhecimentos tradicionais, a sabedoria que os acompanha por muitas gerações e que se torna um produto turístico, que como assinala Andrade (1998, p. 98) “é um composto de bens e serviços diversificados e essencialmente relacionados entre si”, consumido pelos que fazem parte do fenômeno chamado turismo. Como bem aponta Brambatti (2006, p.04):

O associativismo em turismo aparece como uma alternativa de *união de esforços* para a promoção coletiva. A “união faz a força” parece ser um elemento de potencialização de empreendimentos que não possuem capacidade de atuarem *per si* no mercado, de disputarem fatias de mercado de forma isolada, como produto turístico. Tem como característica a atuação como atores locais ou regionais, avançando muito vagarosamente em temáticas universais, de interesse comum da humanidade, como a questão ambiental, a sustentabilidade, a defesa da vida, as questões de gênero, os novos sujeitos sociais¹, as minorias étnicas.

Por se tratar de um mecanismo exclusivamente coletivo, é fundamental que as pessoas que fazem parte de uma associação, tenham convicção do que anseiam individualmente com o processo e quais melhorias que a união do grupo possa provocar para si mesmos ou para a comunidade da qual são membros. Muito destas ações dependem de sujeitos empreendedores, que, para Queiroz Filho (2001, p.02) “conhecem bem seu dia a dia e conseguem se adaptar com desenvoltura às mudanças, é líder no que faz e consegue trazer para perto de si, a ajuda e as equipes necessárias para realizar seus sonhos e projetos”. E que produzem e se descobrem vivenciando a coletividade.

Economia Criativa: valorização da criatividade e do talento humano

Conquistando novos mercados e ganhando outro sentido, o artesanato tem se tornado uma atividade economicamente viável, agregando valor justo aos seus produtos e alcançando qualidade. Como lembra Ferreira citado por Dunlop (2001, p. 60) “o tradicional não é resíduo do passado, mas, sim um conjunto de práticas sociais que se reproduzem por meio do trabalho e do poder de recriação de seus agentes”. Os artesãos estão se adaptando ao mundo contemporâneo, recriando produtos com sua bagagem cultural em que o valor econômico está na sua propriedade intelectual, no valor agregado e no desenvolvimento de sua identidade.

O artesanato é a criatividade, a experiência, o conhecimento, a perpetuação de valores, além da capacidade de expressão, elementos que caracterizam a economia criativa. Trata-se de uma economia que procura uma abordagem humanística, que considera as peculiaridades do local, as necessidades reais e as diferenças culturais, uma forma de conduzir a economia e a sociedade. Outra característica da economia criativa é a oportunidade de oferecer ao artesão e a comunidade, atividades que utilizem sua própria formação, cultura e raízes, visto o aumento do reconhecimento da criatividade e do talento humano, tornando-se um importante instrumento para fomentar ganhos de desenvolvimento, uma opção viável de crescimento que leva em conta a realidade e os limites da comunidade (REIS, 2008).

De acordo com a autora ora citada, o conceito de economia criativa origina-se do termo “indústrias criativas”, por sua vez inspirado no projeto *Creative Nation*,⁵ da

⁵ Este conceito tomou fôlego em 1997, no Reino Unido. Diante uma situação econômica global que prometia ser cada vez mais problemática para os setores tradicionais, a equipe britânica identificou treze setores de maior potencial para

Austrália, de 1994, entre outros elementos, este projeto defendia a importância do trabalho criativo e sua contribuição para a economia do país. E ainda analisa que as indústrias têm sua origem na criatividade, habilidade e talentos individuais. Potencial criativo, suscitando empregos por meio da geração e exploração da propriedade intelectual. REIS (2008, p.20) pondera que:

A economia criativa parece tomar de outros conceitos traços que se fundem, adicionando-lhe um toque próprio. Da chamada economia da experiência, reconhece o valor da originalidade, dos processos colaborativos e a prevalência de aspectos intangíveis na geração de valor, fortemente ancorada na cultura e em sua diversidade.

Observa-se a valorização da criatividade, da originalidade e do mérito particular em produzir e agregar valor econômico ao elemento fabricado, caracterizando esta economia com produtos e serviços de conteúdo criativo, valor cultural e metas de mercados.

A mesma autora aponta as características da economia criativa como a criação de novos modelos de consumo, em que a identidade cultural atribui aos bens produzidos e aos serviços ofertados características únicas da comunidade, do artesão que a produziu. Instituído um novo exercício, outras maneiras de relacionamentos entre as pessoas e seu ambiente e com a cultura à sua volta. Não devendo ocorrer a interferência do mercado, preços ou a necessidades em suprir a demanda, as manifestações locais assumem sua importância e representam todo o seu valor no que tange a diversidade, ofertando opções de escolha das comunidades, que atribuem valor cultural ao que foi confeccionado. A autora menciona ainda, o papel das micro e pequenas empresas e sua promoção, instituições fornecedoras ou distribuidoras de produtos e serviços que oferecem uma via de inserção econômica e de atuação em mercados diferenciados. Tais empresas ganham espaço e notoriedade frente a este novo modelo de economia.

Outro aspecto da economia criativa é a articulação das comunidades, por meio da constituição de parcerias, organizando-se e estruturando associações criando ligações. Nas comunidades, como lembra Bonassi (2003), a parceria significa

o país, que cunhou de indústrias criativas – ou setores criativos, já que em economia o termo indústria se refere a setor. O conceito foi replicado para países tão diversos como Cingapura, Líbano e Colômbia, independentemente das distinções de seu contexto e da legislação dos direitos de propriedade intelectual. (REIS, 2008)

democracia, pois cada membro da comunidade desempenha um papel importante, um valor. À medida que uma parceria cresce, cada parceiro passa a entender melhor as necessidades dos outros, transformando sua criatividade, seu potencial mediante negócios inovadores. É necessário reconhecer que, as características da economia criativa exigem uma adaptação do perfil de capacitação das profissões tradicionais (pensamento flexível, valorização do intangível) e originam novas profissões.

É importante destacar que a economia criativa não é apenas um apanhado de setores agregados em uma nova classe, mas o “símbolo de um novo ciclo econômico”, que surge como resposta a problemas globais, que motiva e estabelece novos modelos de negócios, processos organizacionais e institucionais (REIS, 2008). Nesse novo cenário, que traz a cultura em sua essência e a tecnologia como veículo propulsor, a prevalência de aspectos intangíveis da produção, são traços característicos desse modelo que tem como pressuposto de sustentabilidade, a melhoria do bem-estar e a inclusão socioeconômica.

Associações Culturais de Novo Airão (Associação de Artesãos de Novo Airão, Fundação Almerinda Malaquias e Nov’art) contribuições para a consolidação de uma Economia Criativa em Novo Airão (AM).

Evidencia-se neste artigo, o trabalho dos artesãos de Novo Airão (AM) como característico de economia criativa, pois eles constituem-se nos pressupostos ora citados. As informações acerca destes são resultantes da pesquisa realizada por cerca de dois anos, quando se pode conhecer e acompanhar o trabalho da Associação de Artesãos de Novo Airão, Nov’arte e Fundação Almerinda Malaquias.

A coleta de dados deu-se com a observação não participante, como bem evidencia Richardson (1999, p. 259) esta propicia “o exame minucioso ou a mirada atenta sobre o fenômeno no seu todo ou em algumas de suas partes, é a captação precisa do objeto examinado”. Em outras palavras, um olhar cuidadoso na busca de se registrar o máximo de acontecimentos no local pesquisado, sendo com esse intuito que utilizou-se como instrumento de coleta de dados nas associações de artesãos a observação não participante, pois mesmo não tratando-se de uma “observação atuante”, pretendeu-se estar presente nos eventos considerados relevantes de serem registrados.

Durante as visitas as associações realizou-se entrevistas semi-estruturadas mediante as quais foi possível sistematizar importantes informações a respeito do trabalho das associações. As entrevistas foram feitas com alguns dos artesãos, presidentes, com os secretários, diretores e/ou representantes das Associações (Fundação Almerinda Malaquias, Associação de Artesãos de Novo Airão e Nov'arte), os quais configuraram-se como os sujeitos da pesquisa.

Antes de destacar-se os resultados obtidos, cabe evidenciar que das 12 Unidades de Conservação do Estado do Amazonas, cinco estão localizadas totalmente ou parcialmente em áreas do município de Novo Airão (AM). Atualmente 80% da área total deste é protegida, pois constituída por unidades de Conservação e Reservas Indígenas, onde o acesso dos visitantes é restrito ou somente permitido com autorização dos órgãos competentes como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) ou a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Nesse contexto, inseri-se o Parque Nacional do Jaú e de Anavilhanas⁶ (FERREIRA, 2010).

Neste cenário, com o grande número de áreas protegidas, vivem os artesãos de Novo Airão que tem como aliado, a grandeza da região, visto as peculiaridades locais e o artesanato. A opção de trabalhar com o artesanato surge como uma forma de valorizar a força de trabalho e de sobrevivência. Nela, três importantes núcleos de artesanato, Fundação Almerinda Malaquias, Nov'arte e Associação de Artesãos de Novo Airão, desempenham a função de gerar empregos e fonte de renda, além da preocupação em conservar e perpetuar o conhecimento tradicional dos mesmos. Ambos os núcleos trabalham com matéria prima de extração vegetal, seja no trançado das fibras ou o reaproveitamento de “madeiras mortas” combinando criatividade, ganhos comerciais e a preservação dos recursos naturais e a valorização da cultura.

Buscando por novas ações e práticas diante as restrições de acesso, foi criada na década de 90, pelo Sr. Miguel Rocha da Silva, morador da cidade de Manaus, e pelo suíço Jean-Daniel Vallotton a Fundação Almerinda Malaquias (FAM) com o objetivo de agregar mão-de-obra qualificada (fonte de renda) e educação ambiental em especial aos antigos moradores do Parque Nacional do Jaú e do Parque Nacional de

⁶ O Parque Nacional do Jaú é um dos maiores parques nacionais do Brasil, ocupando uma área superior ao Estado de Sergipe, Anavilhanas é considerado o segundo maior arquipélago fluvial do mundo, com cerca de 400 ilhas. Em 2003, o Parque Nacional do Jaú e Anavilhanas foram agregadas pela Unesco para se formar o Sítio Complexo de Conservação Central da Amazônia Central (FVA, 2012).

Anavilhanas. Em termos gerais, o trabalho iniciado pela Fundação visando à geração de renda, desenvolveu-se a partir da reutilização de sobras da indústria naval, por meio da qual passaram a confeccionar pequenos móveis. Com o passar dos anos a produção incorporou também utilitários e peças decorativas feitos de forma manual e de maneira simples pelos artesãos da comunidade. As ilustrações destacadas a seguir retratam alguns dos objetos fabricados pela Fundação Almerinda Malaquias.



Peças de artesanato feitas de resíduos de madeira.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisa de campo, 2011.

De acordo com as informações coletadas durante a pesquisa de campo, as técnicas transmitidas para as novas gerações, que hoje trabalham na oficina da Fundação, se dão por meio de cursos de capacitação ou pelo convívio familiar (ensinamento de pai para filho), experiências, técnicas e significados compartilhados em uma vivência pautada por um universo de valores e um desejo de desenvolvimento econômico e reconhecimento por seus produtos, por seu trabalho.

Em termos gerais, a criatividade, para os artesãos entrevistados, é a habilidade em transformar/criar um pedaço de madeira encontrada na floresta em réplica de um animal da fauna local, é ver uma peça de madeira e instantaneamente imaginar o que pode ser produzido. Os artesãos afirmaram que suas aptidões individuais foram desenvolvidas e incentivadas por meio dos cursos profissionalizantes oferecidos pela Fundação. Tais cursos tinham como propósito o fortalecimento como trabalhadores autônomos e a comercialização dos produtos confeccionados, para tanto fundaram a Associação de produtores, a Nov'arte, que segundo relatos dos artesãos: “os próprios artesãos foram treinados para fazer parte da diretoria”. “As decisões são do grupo, as conquistas são de todos” (artesãos da Nov'arte, Maio de 2012).

É importante ressaltar que, fica evidente nas entrevistas a preocupação em fabricar um produto pautado e/ou inspirado na cultura local, aproveitando o domínio da

matéria-prima, os conhecimentos herdados, o imaginário. Além da busca por parcerias e o aperfeiçoamento de suas peças, pois o patrimônio cultural é dinâmico e pode ser modificado/reelaborado. Dá-se evidência à frase em destaque na sede da Fundação “tradição e qualidade transformando madeira morta em bichos da Amazônia”. Vale destacar também que o galpão de produção e a loja são povoados por delicadas esculturas de animais característicos da região, feitos com matéria prima encontrada na floresta local. Um trabalho coletivo que valoriza o trabalho do artesão e o estimula a mudanças, mostrando a importância de se profissionalizar, aperfeiçoar seus produtos, por meio de cursos que lhes são oferecidos.

Foi perguntado durante a entrevista a respeito do Turismo, a saber, se este prejudica ou contribui para as atividades da Associação/ Fundação, verificando-se que para os artesãos o Turismo é visto como uma ferramenta de comercialização e de divulgação de seus produtos. Como se pode verificar nos depoimentos: “O turismo é essencial, se não tivesse, com certeza não existia a Nov’arte” (Artesão da Nov’arte, Maio 2012). Destaca-se a seguir um dos relatos desses artesãos:

O nosso trabalho diretamente é no município, se não fosse o turismo já estaríamos morrendo de fome, se não fosse o turismo nada feito. Vivemos dentro de uma reserva onde o turismo pode funcionar perfeitamente. Você aproveita muito mais da árvore em pé do que derrubada. Ele (turismo) pode prejudicar se não tiver alguém para planejar e acompanhar (Presidente da Nov’arte).

Analisando este relato, observa-se que a resposta refere-se ao ambiente que vivem e como percebem a potencialidade turística do lugar, que é vista, sobretudo, a oportunidade de uma aliança, para o artesanato como instrumento de informação e atração.

Com relação à Associação dos Artesãos de Novo Airão (AANA) observa-se a mesma realidade. A AANA é outro importante núcleo de artesanato que tem por base a elaboração de produtos artesanais aliando a preservação das técnicas tradicionais a valores culturais que são transmitidos de geração em geração. O galpão utilizado para a produção dos artesanatos na Associação retrata o universo característico da arte trabalhada. Assim, as paredes de madeira, as grandes janelas, o telhado que antes de uma recente reforma era de palha. A produção dos artesanatos se dá em um ambiente descontraído e de estreitas relações interpessoais, os artesãos trabalham sentadas no

chão trançando as fibras com uma habilidade fascinante, imprimindo no seu trabalho a identidade do lugar. As imagens a seguir retratam um pouco dessa realidade.



Loja da AANA / Artesãos da AANA trabalhando.
Fonte: Acervo fotográfico da pesquisa de campo, 2011.

O artesanato produzido pela AANA é denominado pelos artesãos como “um artesanato de tradição indígena”, de acordo com uma artesã entrevistada:

A importância da associação eu acho que não só pra mim, pra todos os artesões, é que valoriza a nossa cultura, é onde a gente demonstra todo o nosso trabalho, nosso empenho buscando a qualidade pra colocar isso no mercado e também mostrar essa cultura que não só é minha, mas também é do caboclo, do povo indígena (Artesã da AANA documentário, cedido pela AANA em maio de 2012).

Nos artesanatos fabricados na AANA, estão, portanto, reproduzidos e ressignificados os conhecimentos dos povos indígenas do Rio Negro, apresentando uma diversidade de traçados e elementos iconográficos. O artesanato que produzem e a inquietação em valorizar e apresentar a cultura indígena os envolve numa concepção que se reafirma quando perguntados qual a finalidade, qual o trabalho da Associação.

Não diferente da Fundação Almerinda e da Nov'arte, a AANA foi criada para proporcionar geração de renda e preservação das técnicas tradicionais, visando ainda à inserção em mercados de artesanato sustentável e criativos nos quais possam ser ressaltados suas tradições específicas. Quando perguntados como a cultura se relaciona com criatividade apontam o artesanato, o trançado com as tiras de arumã, tingidos com tinturas e resinas originais da flora local.

Verifica-se por meio das entrevistas a importância do trabalho na Associação, no âmbito do município e de suas poucas opções de emprego. Os artesãos expõem que sabem que o trabalho com o artesanato é uma opção de trabalho e renda, pois fora da

esfera política, a oferta é restrita, por isso capacitam pessoas que desejam apreender esse ofício. Destaca-se a seguir um dos relatos:

Não tem muito espaço para fazer qualquer tipo de desenvolvimento econômico. Juntando o turismo, ecoturismo e artesanato, em que o artesanato encaixa-se perfeitamente no perfil do município atual, acho que realmente, economicamente é a única solução para o futuro (Presidente da FAM, em documentário cedido pela FAM, em Maio de 2012).

Nota-se, pelas informações obtidas por meio de entrevistas, que a ideia de sustentabilidade norteia as atividades das Associações de artesãos de Novo Airão, em todas as etapas desde a produção até a comercialização (pela inserção em mercados solidários e criativos). Consta-se que o artesanato é um atrativo que compõe o produto turístico explorado com responsabilidade em todos os seus aspectos. Observa-se nas Associações como atos criativos, competência e talentos individuais criam um valor econômico, comercializando conteúdos de natureza intangível e cultural fomentando a Economia Criativa.

Constata-se ainda, como estes sujeitos influenciam e interagem nesse processo de desenvolvimento local de forma articulada e interdependente. Compartilhando de experiências econômicas, cooperação e autogestão comunitárias, que caracterizam a economia criativa. Para estas Associações parceria significa democracia e poder pessoal, pois cada um dos membros das referidas associações desempenham papel importante. No interior dessas relações de produção, comercialização e divulgação do trabalho

Considerações Finais

A compreensão de desenvolvimento para os artesãos das associações culturais, da cidade de Novo Airão (AM), vai muito além de transformações relacionadas à renda, esta pautado, principalmente, com a vida que levam os artesãos das Associações pesquisadas, organizadas em grupos de trabalhos com bases associativas. Grupos cada vez mais sustentáveis, que buscam principalmente suprir suas necessidades socioeconômicas. Observou-se que, o método praticado para alcançar a eficiência do trabalho realizado com o artesanato, é o estímulo ao empreendedorismo e ao associativismo, pois as comunidades estão deixando de compreender a atividade

somente como uma forma de sobrevivência, percebendo-a como uma oportunidade de inclusão social, resgate cultural e qualidade de vida.

Nota-se, pelas informações obtidas por meio das entrevistas realizadas com os artesãos, que estes compreendem suas atividades de subsistência, de renda e sua cultura de forma entrelaçada, e, principalmente como algo que deve ser valorizado. Trata-se de empreendedores locais com uma clara visão de suas potencialidades, atuando no sentido de ajustar criatividade e tradição, às novas práticas econômicas, num sentido novo – a economia criativa. Indivíduos que participam das discussões, das negociações, logo tomam parte nas decisões que dizem respeito ao seu projeto de futuro.

Nas Associações Nov'arte, FAM e AANA nota-se a interação entre as pessoas, o fortalecimento de laços de amizade, familiares e novas opções de trabalho o enaltecimento dos valores individuais, grupais e coletivos em que a conexão do grupo com a região é perceptível e principalmente constrói novas formas de convivência. Entre estes verifica-se a valorização da sua atividade artesanal que resulta em mudanças de comportamento, difíceis de serem quantificadas, afinal como mensurar conquistas como a capacidade de falar e defender sua profissão, suas visões críticas sobre os processos excludentes e alienantes presentes na cidade, suas posturas físicas afirmativas em relação ao papel que desempenham na sociedade?

Ao longo desse estudo buscou-se também verificar as inter-relações do trabalho dos artesãos organizados em Associações formais com o Turismo na cidade de Novo Airão (AM). A pesquisa realizada na cidade com as Associações Culturais - Fundação Almerinda Malaquias e Associação de Artesãos de Novo Airão - aponta para a importância de todas as ações que estas promovem naquela peculiar região. Faz-se relevante assinalar que, a profissionalização da produção artesanal vem se mostrando uma ferramenta de grande eficiência para geração de ocupação e renda e melhoria de qualidade de vida.

É importante destacar que o artesanato trouxe inúmeros benefícios aos artesãos, pois, por meio de suas atividades conquistaram mercados que reconhecem o valor cultural nelas embutidos, e, sobretudo, os fez descobrir as vantagens da organização e das parcerias. Outro dado relevante, é que os sujeitos da pesquisa, cada um com suas peculiaridades procuram resguardar/valorizar suas culturas e o lugar que vivem. Assim, trabalham conservando suas técnicas tradicionais, os costumes passados pelos seus

familiares, cultivando o amor e a valorização da natureza dessa peculiar região, com seus Parques Nacionais e Reservas. Com o intuito de que as futuras gerações aprendam e pratiquem ações que primem pela conservação da região e que valorizem o artesanato, enquanto instrumento de reprodução de suas tradições culturais, os artesãos transformam madeiras e fibras em arte, talvez sem perceber que a arte os transformou em protetores do meio ambiente, consolidando cada vez mais seus grupos de artesãos, compartilhando significados.

Finalizando, pode-se perceber as adaptações e as transformações que as associações realizaram ao longo do tempo, com os artesãos e para os artesãos. As Associações pesquisadas possuem forte cunho social, sendo que o artesanato não é percebido unicamente como fonte de renda, mas também como um agente de mudanças para a cidade de Novo Airão (AM) e para os sujeitos que os fabricam.

O turismo é uma das atividades econômicas que envolve diretamente ou indiretamente vários setores da economia além do fator humano, ou seja, o sujeito da ação, que está presente em todas as atividades, seja como consumidor ou como produtor, interferindo dessa forma no relacionamento interpessoal, com seus costumes, experiências, cultura e modo de viver. No caso do artesanato, este tem se tornado um atrativo que compõe o produto turístico local, e que é trabalhado com responsabilidade em todos os seus aspectos, compreendido como garantidor de melhorias. É nessa perspectiva que situa-se o trabalho dos artesãos de Novo Airão, foco do presente estudo, um exemplo da capacidade inventiva e criativa posta a serviço de melhorias sociais.

Referências

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo** : fundamentos e dimensão. 5.ed. 1998. 4ex.

BONASSI, Fábio Angelo. **O associativismo como estratégia competitiva no varejo: um estudo de caso na Aremac – Am – Associação Regional de Empresas de Materiais de Construção da Alto Mogiana**. Revista Eletrônica de Administração – Facef. V.2, 3 ed. Julho-Dezembro, 2003.

BRAMBATTI, Luiz Ernesto. **O associativismo e a participação comunitária em turismo**. In: Congresso de Desenvolvimento Regional, 2006, Rio Grande do Sul.

DEHEINZELIN, Lala; REIS, Ana Carla Fonseca (orgs.). **Cadernos de Economia Criativa: Economia Criativa e Desenvolvimento Local**. Vitória: SEBRAE & SECULT, 2008. Disponível em

<http://vix.sebraees.com.br/arquivos/biblioteca/Cadernos%20de%20Economia%20Criativa.pdf>. Acesso em 13 Março 2012.

DUNLOP, Regina. **Artesanato Solidário**. In: Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 147:11/22, out.-dez. 2001.

FERREIRA, Tatiana (org.). **Trançados e entalhes de Novo Airão**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2010.

FUNDAÇÃO VITÓRIA AMAZONICA (FVA). [Homepage]. Disponível em: http://www.fva.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=61&Itemid=68. Acesso em 18 Set. 2012.

LIMA, Frederico Guilherme Ferreira. **Características do associativismo e o paradoxo do desenvolvimento local: um estudo de caso da ranicultura em Guaratiba**. Rio de Janeiro, 2010. 115p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local). Centro Universitário Augusto Motta.

MOREIRA, V.; VIDAL, F. A.; FARIAS I. Q.; **Empreendedorismo Social e Economia Solidária: Um Estudo de Caso da Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável da Comunidade do Grande Bom Jardim**. Disponível em http://cac.php.unioeste.br/projetos/casulo/docs/emp_soc_ec_sol.pdf. Acesso em 10 Dez. 2011.

QUEIROZ FILHO, Omar Alves de. **O que é ser um empreendedor**. 2001. SEBRAE.

REIS, A.C.F. **Economia criativa: como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo : Itáú Cultural, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. Colaboradores José Augusto de Souza Peres... (et al.). São Paulo: Atlas, 1999.